

## **MEIO SÉCULO DA ROÇA À CIDADE: A PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA CURRAIS-NOVENSE NA OBRA DE ANTÔNIO OTHON FILHO**

*MEIO SÉCULO DA ROÇA À CIDADE: THE PRODUCTION OF A MEMORY OF CURRAIS NOVOS IN THE WRITTEN PRODUCTION OF ANTÔNIO OTHON FILHO*

Fabiana Alves Dantas<sup>1</sup>

**Resumo:** Analisa-se a produção de uma memória local na obra *Meio século da roça à cidade: Cinquentenário de Currais Novos* (1970), de Antônio Othon Filho, usando-se o referencial teórico-metodológico da análise de discurso (FOUCAULT, 1996). Identificou-se a produção de uma memória currais-novense que a caracteriza como cidade moderna em oposição a um passado rural marcado pelas "tradições", evocando-se elementos de uma cultura histórica e uma cultura política ancoradas na valorização da memória associada à identificação de origens diante das transformações modernizadoras. Ressalta-se a relevância dos intelectuais na produção e legitimação de memórias que produzem as cidades e suas memórias locais, atribuindo-lhes sentido a partir do discurso.

**Palavras-chave:** Cidade; Memória; Intelectuais.

**Abstract:** We Analyse the production of a local memory in *Meio século da roça à cidade: Cinquentenário de Currais Novos* (1970), by Antônio Othon Filho, using the theoretical-methodological referential of discourse analysis (FOUCAULT, 1996). The production of a memory of Currais Novos was identified, which characterizes it as a modern city in opposition to a rural past marked by "traditions", evoking elements of a historical culture and a political culture anchored in the valorization of the memory associated with the identification of origins because of the modernizing transformations. The relevance of intellectuals is highlighted in the production and legitimation of memories that produce cities and their local memories, giving them meaning based on discourse.

**Keywords:** City; Memory; Intellectuals.

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN), mestra pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (PPGH-UFPB) e licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: fabiana.dantas03@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3543-5341>. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3501097795127741>.

## INTRODUÇÃO

As cidades são produções humanas. Essas produções ocorrem de diversas maneiras, por diversos agentes. Uma compreensão que desnaturaliza o espaço permite pensar em como as próprias palavras podem fazer parte desse processo, já que uma cidade não se limita a um recorte espacial do ponto de vista da materialidade. Afinal, o que é dito sobre uma cidade é o que ela sempre foi? É o que se deseja que ela se torne? Indagações como estas conduzem à um interessante campo de investigação histórica: o da produção discursiva dos espaços.

Ao entrar em tal discussão, é importante levantar o questionamento sobre quem é autorizado a dizer o que uma cidade é. É aí que entra o interesse deste trabalho pela investigação dos intelectuais como agentes nesse processo de elaboração discursiva, embora eles não sejam os únicos a fazê-lo. Estudar os discursos produzidos por esses sujeitos, que podem ocupar postos como os de médicos, professores, advogados, escritores entre tantos outros, mostra como o universo das letras pode atribuir sentido ao espaço, a partir de interesses distintos.

Para abordar esse assunto, discute-se neste artigo a obra do intelectual Antônio Othon Filho sobre Currais Novos, município situado no interior do estado do Rio Grande do Norte. O principal interesse concerne à produção de uma memória local no recorte espacial currais-novense, entendendo a preocupação com a memória como uma parte relevante no processo de definição de uma identidade espacial. Isso porque a memória, construção seletiva do passado (CATROGA, 2001) dotada de natureza vivencial de testemunhal (NEVES, 2009), é também um elemento disputado nas esferas social, cultural e política, como mostram muitos autores que discutem o tema, a exemplo de Michel Pollak (1989), Paul Ricoeur (2007) e Fernando Catroga (2001). Ela tem, assim, um papel pragmático e normativo “em nome de uma história ou de um patrimônio comum (espiritual e/ou material)” (CATROGA, 2001, p. 26). Em meio às disputas que a envolvem, encontra-se, inevitavelmente, a questão do esquecimento, pois, sabendo-se da seletividade que aí existe, é preciso ter em conta que “quer se queira quer não, escolher é também esquecer, silenciar e excluir” (CATROGA, 2001, p. 26).

É importante sinalizar o porquê de ter-se escolhido analisar especificamente a obra de Antônio Othon Filho. *Meio século da roça à cidade: Cinqüentenário de Currais Novos* foi publicada no ano de 1970 pela Companhia Editora de Pernambuco, editora localizada em Recife. Com 255 páginas, é dividida em duas partes: uma narrativa memorialística relacionada ao passado de Currais Novos e, em seguida, uma parte intitulada “Minhas emoções”, na qual constam alguns poemas do autor. Neste trabalho focalizamos a primeira parte, dado o objetivo de analisar a produção de uma memória currais-novense a partir da narrativa sobre o passado do município. Como teve apenas uma edição, os exemplares dessa obra são hoje raros, tendo-se encontrado um, utilizado nesta pesquisa, no acervo da Fundação Cultural José Bezerra Gomes, em Currais Novos.

A obra foi patrocinada pela Mineração Tomás Salustino, empresa responsável pela exploração de scheelita que marcou o ciclo da mineração na segunda metade do século XX no município. Antônio Othon Filho era diretor desta empresa e sobrinho de seu dono, o que dá indícios de intencionalidades relacionadas à essa publicação, os quais são explorados neste artigo. O município comemorava seu cinquentenário no ano da publicação, já que passara da condição de vila à de cidade pela Lei Estadual n.º 486, de 29 de novembro 1920, como consta na própria obra, bem como nas informações municipais verificadas no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. A propósito, uma matéria assinada pelo jornalista Eliel Bezerra da Câmara no periódico *Diário de Natal* em 1971, um ano após o lançamento de *Meio século da roça à cidade*, discorre sobre as comemorações concernentes à essa data em Currais Novos citando a relevância da obra de Othon Filho para compreensão das transformações pelas quais o município tinha passado ao longo de cinquenta anos:

Na exposição cinquentenária levada a efeito na Galeria de José Vilani de Melo Lula, estavam velhos objetos que rememoravam aos velhos munícipes, lá estavam no contraste de seu mutismo, relembrando varões ilustres que deram a estas plagas a ação patriótica e pessoal na criação e ereção da capela, marco inicial desta, como de inúmeras povoações. Não necessitamos sair de casa para provas destas afirmações. Relendo o livro de Dr. Antônio Othon Filho, nele encontramos estampado os testemunhos destas assertivas, através das citações feitas aos nomes de Padre Francisco Ferro, Matias Moreira, Padre João Maria Cavalcante de Albuquerque e Ananília Regina de Araújo, falando do passado distante, cinquentão e recente (CÂMARA, 1971, p. 2).

O título *Meio século da roça à cidade* sugere uma visão de transformação do espaço, pensando-o a partir de suas origens rurais até as transformações modernizadoras que ocorriam no momento da publicação, como será discutido ao longo deste artigo. Assim, considera-se interessante investigar como esse intelectual elaborou discursivamente o referido processo de modernização local e qual sentido foi dado à cidade a partir da elaboração de uma narrativa memorialística acerca dela. Em outras palavras, o que escolheu-se legar como memória local quando Currais Novos se modernizava, bem como o motivo para que Antônio Othon Filho fosse autorizado a fazê-lo, levando em conta, portanto, o lugar de produção relacionado à sua posição de diretor da Mineração Tomás Salustino, patrocinadora da obra.

O referencial teórico-metodológico utilizado para realizar a análise ora proposta é o da análise de discurso, usando-se especialmente o trabalho *A Ordem do Discurso* (1996), de Michel Foucault. A identificação com esse referencial justifica-se devido à desnaturalização das verdades que ele aponta, mostrando como o discurso é sempre fruto de um lugar e de permissões para se dizer algo. Isso é pertinente para discutir a produção escrita de um sujeito que, conforme se mostrará adiante, era ligado não só ao universo das letras, mas também às esferas econômica e política locais. Realizou-se um diálogo com Michel de Certeau (1998) e Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011), por

estes contribuírem para a desnaturalização da noção de “espaço”. Também foram mobilizados outros autores que auxiliam no aporte teórico acerca de outros conceitos caros à pesquisa, como, por exemplo, os de cultura histórica e cultura política, adotando-se as definições apresentadas em texto de Rachel Soihet *et al* (2009) em relação a ambos.

A discussão segue organizada da seguinte maneira: no primeiro tópico, inicia-se com algumas ponderações a respeito da produção discursiva das cidades e de suas memórias locais; no segundo, apresenta-se o autor e o lugar de produção de onde parte a obra analisada; o terceiro traz a análise discursiva de *Meio século da roça à cidade*; e, no último, são apresentadas algumas considerações para fins de conclusão.

### **DISCURSOS PRODUZEM CIDADES E MEMÓRIAS LOCAIS**

Argumentar que discursos podem produzir cidades e suas respectivas memórias locais implica reconhecer a linguagem como um elemento participante da construção de espacialidades. Começa-se com a necessidade de desnaturalizar a noção de “espaço”, fazendo-o a partir da compreensão de que ele não é um dado pré-existente; do contrário, são os sujeitos históricos que o produzem (CERTEAU, 1998). Com isso, pode-se entender por “espacialidades” as “percepções espaciais que habitam o campo da linguagem e se relacionam diretamente com um campo de forças que as institui” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 33). Assim, os discursos, que partem sempre de um lugar cujas permissões e interdições devem ser consideradas (FOUCAULT, 1996), podem ser monumentos da construção de um determinado espaço, a exemplo do que se pode observar no caso da elaboração discursiva da qual resultou o reconhecimento do nordeste brasileiro como uma região de características específicas, como mostra Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu trabalho *A invenção do Nordeste e outras artes* (2011).

Os processos históricos que fazem uma cidade o ser do ponto de vista material são acompanhados por discursos que a definem. Escreve Ángel Rama (2015) que a cidade é pensada antes mesmo de existir na materialidade, de forma relacionada com a ordem social: “Uma cidade, previamente à sua aparição na realidade, devia existir numa representação simbólica que obviamente só poderia assegurar os signos: as palavras, que traduziam a vontade de edificá-la na aplicação de normas” (RAMA, 2015, p. 26).

No recorte administrativo municipal no qual a cidade se situa, existem discursos associados ao poder político local, como no caso da produção de histórias locais diletantes. Considerando situações nas quais existe vínculo entre os produtores de tais histórias e o grupo político que comanda o município, é possível identificar uma tendência à elaboração de narrativas que definem aspectos positivos para o local, com base nos interesses de manutenção da ordem vigente. Cabe lembrar como

o lugar de onde parte uma obra é sempre um fator relevante em toda operação histórica (CERTEAU, 1995), mesmo quando não se trata de narrativas produzidas por historiadores profissionais. Os discursos produzidos no exemplo ora citado, conforme descreve Sílvio Marcus de Souza Correa (2002), tendem a apresentar um viés conservador e uma influência positivista. Além disso:

Em geral, a escrita da história local dileitante contém uma avaliação positiva do processo histórico devido ao tratamento demasiado subjetivo por parte do seu autor, ao selecionar os “acontecimentos” que são artificialmente ordenados a fim de lograr uma linearidade lógica e harmoniosa ao desenvolvimento local (CORREA, 2002, p. 15).

Desse modo, é pertinente pensar a produção de cidades a partir de discursos associados a determinadas culturas históricas e culturas políticas. Esses dois conceitos podem ser entendidos conforme apresentam Raquel Soihet *et al.* (2009), considerando como história e política relacionam-se em determinadas situações:

A noção de *cultura histórica* tem-se revelado útil para a compreensão das operações sociais que constroem sentidos de tempo e de história, por meio de dispositivos variados, entre os quais se destacam, nas sociedades contemporâneas, o ensino, a historiografia e a memória. Por sua vez, a noção de *cultura política* engloba as linguagens, os ritos, os mitos, os ideais, os projetos, as identidades, as práticas políticas de indivíduos, “famílias”, grupos de dimensão variável que compõem uma sociedade. *Cultura política* e *cultura histórica* se articulam, na medida em que as representações do passado são essenciais na construção de imaginários e de projetos que orientam as ações coletivas. Atores coletivos e individuais recorrem e estabelecem usos mais ou menos conscientes da história e do tempo passado, presente e futuro, conforme as demandas de sua própria época (SOIHET, *et al.*, 2009, p. 13-14, grifo das autoras).

Com base no trecho citado acima, pode-se afirmar que elementos vinculados às culturas histórica e política de uma sociedade podem ser articulados para conferir sentido a um espaço – no caso que aqui interessa, a cidade –. As ideias que compõem a noção de “cidade” podem ser construídas com base na mobilização de elementos dessas duas culturas e são as seguintes:

A Cidade está ligada à ideia de colaboração, de confiança recíproca, de uma unidade de grupos que se constituem ao nascer e se sustenta no passado. Em muitas, o discurso identitário é um poderoso instrumento de inserção e relacionamento com o sentimento de pertença (NORONHA, 2008, p. 40).

Esse sentimento de pertença, sobre o qual escreve Andrius Estevam Noronha (2008), pode ser construído com a memória local. Para o entendimento dessa noção, é importante partir de uma compreensão que aponta a memória como algo elaborado a partir de diferentes agências, para além da experiência pessoal (POLLAK, 1989). Esse agenciamento da memória em nível coletivo constitui um processo não consensual e está relacionado ao papel pragmático e normativo sobre o qual escreve Fernando Catroga (2001), produzindo identidades. Maurice Halbwachs, um dos primeiros autores a tratar do tema, já apontava em sua obra *La memoire collective*, publicada originalmente em 1950, os

processos de negociação envolvidos nas dinâmicas sociais nas quais as memórias são disputadas e formalizadas. Pode-se identificar nesse âmbito práticas de usos e abusos da memória que, por sua vez, também o são em relação ao esquecimento. Em meio às possibilidades de abuso, encontram-se, no plano prático, a memória manipulada, além da memória abusivamente convocada no plano ético-político, como aponta Paul Ricoeur (2007).

Assim sendo, no caso do que está sendo chamado aqui de “memória local”, trata-se de um “espaço de disputa, que assinala diferentes interesses, sentidos e definições dos grupos envolvidos” (VIANA, 2017, p. 111). A definição da memória local está associada à busca pela expressão de identidades (VIANA, 2017). É devido a tais características que as memórias (re)inventam cidades, para usar a expressão que dá título ao artigo de Antônio Clarindo Barbosa de Souza (2010), no qual o autor sinaliza a importância de levar em conta como a vida na cidade é objeto de construções memorialísticas:

É lugar comum afirmar que as memórias são construídas e reconstruídas incessantemente pelos diversos atores sociais que vivenciam as transformações urbana nas cidades (...). Todavia, esta vivência pode ancorar-se também na memória de outros, como uma espécie de memória coletiva legada (SOUZA, 2010, p. 114).

Levando isso em conta, é necessário questionar quais memórias, no recorte de uma cidade, são legadas, como o são e por quê. A análise ora apresentada de *Meio século da roça à cidade* é feita tendo-as em mente. Inicia-se pela investigação de seu lugar de produção, a fim de compreender as possíveis influências em torno da obra de Antônio Othon Filho.

## **O AUTOR E O LUGAR DE PRODUÇÃO DE SUA OBRA: HOMEM DAS LETRAS, DE NEGÓCIOS E DA POLÍTICA**

Antônio Othon Filho (São Tomé/RN, 27 de novembro de 1906 – Currais Novos/RN, 13 de maio de 1974) foi um sujeito ativo na vida política, econômica e cultural de Currais Novos. Formado pela Faculdade de Direito de Recife, exerceu sua profissão de formação tornando-se promotor, bem como envolvendo-se em outras atividades, como a de professor de Geografia, Direito e Francês. Ocupou os cargos políticos de prefeito e vereador, além de dirigir a Mineração Tomás Salustino, localizada em Currais Novos, entre 1948 até 1974, ano no qual faleceu em um acidente trágico, quando a procissão religiosa a qual acompanhava foi atropelada por um ônibus desgovernado (MARIA, 2015). Quatro anos antes, em 1970, publicou sua única obra, sobre a qual se trata neste artigo.

Como pode-se observar a partir da formação e profissões exercidas por ele, tratava-se de alguém ligado ao universo das letras, bem como o político e econômico. Um membro da elite local, dirigindo, inclusive, a empresa que, na época, representava o auge do progresso econômico currais-

novense. A Mineração Tomás Salustino foi um marco do ciclo da mineração que levou Currais Novos a um salto de progresso, do ponto de vista material. Também chamada de “Mina Brejuí”, ela

teve seu ápice econômico entre as décadas de 1940 e 1980. A exploração da *sheelita*, sobretudo nas primeiras décadas de extração, fez do Rio Grande do Norte o maior produtor desse minério na América Latina. Desativada no final do século XX, essa mina tornou-se um parque temático visitado por turistas e por professores com seus estudantes (ALVES, 2020, p. 357, grifo da autora).

Esse ciclo econômico proporcionou transformações sociais materializadas na chegada de novidades pautadas no ideário de modernidade e desenvolvimento, com o progresso da cidade sendo atribuído às ações do fundador da Mineração que patrocinou a obra de Antônio Othon Filho. Eis o cenário:

Na década de 1950, por exemplo, foi construído o Hotel Tungstênio (1954), considerado um dos melhores do Nordeste à época, visando atender àqueles que vinham à cidade com propósitos comerciais e turísticos. Uma agência do Banco do Brasil foi instalada, em 1953, para a efetivação das transações comerciais das atividades mineradoras. Ademais, a cidade foi favorecida com um Posto de Puericultura e um campo de pouso de aviões, atribuindo-lhe um destaque quando comparada às demais no interior do Rio Grande do Norte. Outros benefícios trazidos para a cidade foram o Cine Teatro Desembargador Salustino e a Rádio Brejuí, inaugurada em 1959, sendo a segunda emissora do Seridó. No âmbito educacional, deu-se a implantação do Educandário Jesus Menino (1954) para os filhos da elite currais-novense. Mais de uma década depois foi criado o Colégio Comercial de Currais Novos (1965), destinado aos filhos da classe trabalhadora, cujo objetivo era formar mão de obra para as atividades na Mina Brejuí (ALVES, 2020, p. 361).

Porém, é importante lembrar uma premissa que guia este trabalho: a cidade vai além da materialidade do espaço, sendo significada também por meio das palavras. Por isso, é significativo que tenha sido publicada uma obra – não por acaso patrocinada pela Mineração Tomás Salustino e escrita por seu diretor – para celebrar os cinquenta anos de elevação da condição de Currais Novos de vila à cidade. A informação sobre o patrocínio consta na própria obra, o que indica a intenção de apresentar a empresa como uma instituição que, naquele momento, mais do que importante para a economia currais-novense, promovia também a cultura local. Não é à toa que, em trabalho publicado recentemente, a autora Cléia Maria Alves ressalta a participação da Mineração Tomás Salustino no processo de elaboração da memória local: “não apenas como um espaço em que se dava o trabalho de centenas de garimpeiros, gerando grande volume de riquezas, mas também o seu uso como organizador e sistematizador da memória e, por conseguinte, para a educação em Currais Novos” (ALVES, 2020, p. 357).

Então, cabe investigar o que Antônio Othon Filho, este homem que fazia parte da elite currais-novense, escreveu sobre a cidade que passava por essas transformações, decorrentes de um processo no qual ele próprio estava envolvido. Para entender esses aspectos mais a frente, é importante que se

pense primeiramente sobre o que caracteriza o autor de *Meio século da roça à cidade* como um intelectual.

Existem diferentes compreensões acerca da definição de “intelectual”. Esse conceito tem uma história: a de quando a palavra, que era utilizada apenas como adjetivo, aparece pela primeira vez escrita como substantivo em um manifesto *dos intelectuais* ligado ao caso Dreyfus, em 1898 (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005). Antes disso, a figura do erudito era predominante como sujeito do conhecimento e, na concepção apresentada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2005), ocorre uma diferenciação com relação a essa figura quando surgem os ditos intelectuais que, geralmente, se opõe às estruturas vigentes de poder. O erudito costumava estar vinculado a tais estruturas, inclusive por meio do financiamento de suas produções por parte das elites. Já em outra concepção do termo, Jean-François Sirinelli (2003) indica os intelectuais como sujeitos que se organizam em torno de determinadas estruturas de sociabilidade: “uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de viver” (SIRINELLI, 2003, p. 248).

Pensando essas definições no caso de Antônio Othon Filho, julga-se pertinente identificá-lo como um homem de letras que, no entanto, não se caracteriza por uma postura contestatória em relação às estruturas de poder vigentes, mesmo porque fazia parte da elite local. Portanto, deve-se considerar essa especificidade para analisar o que ele escreveu, levando em conta que essa sensibilidade ideológica ou cultural da qual Sirinelli (2003) fala, nesse caso, corresponde ao universo político e cultural de uma pequena cidade situada no sertão da região Nordeste do Brasil, devendo-se ter em mente as particularidades sociais e históricas desse recorte. Em outras palavras, trata-se de um homem de letras, mas também dos negócios e das estruturas conservadoras do poder político municipal. Levando em conta esse lugar de produção, é pertinente identificar a obra *Meio século da roça à cidade* com a mobilização de elementos das culturas histórica e política para se produzir a memória local. Afinal, em sua escrita, esse homem das letras não se separa do homem de negócios e da política.

### **MEIO SÉCULO DA ROÇA À CIDADE: O PASSADO RURAL VERSUS A CIDADE MODERNIZADA**

É interessante começar a análise da obra por seu título que, como já referido anteriormente, remete às origens rurais currais-novenses, situando-as no passado. A intenção com a expressão “da roça à cidade” é indicar que houve, naquele espaço, um processo de modernização. Desse modo, percebe-se que o discurso produzido por Antônio Othon Filho promove uma separação entre um passado ligado ao rural/tradicional e um presente ligado ao urbano/moderno. Esse passado seria o da

“vilazinha pacata do início do século” (OTHON FILHO, 1970, p. 30), destacando-se as festas e crenças populares, as paisagens e o modo de vida da zona rural. No início do texto, o autor comenta alguns exemplos de coisas que ficaram no seu “subconsciente de menino da roça” (OTHON FILHO, 1970, p. 16-17). Para citar alguns exemplos:

Havia estrados para as mulheres; espécie de cadeiras largas, de uns 40 centímetros de altura, lastros de madeira, sola ou couro-cru, para 4 pessoas folgadamente. Também aí as mulheres faziam rendas, costuravam à máquina de veio, conversavam fazendo a sesta, ou catavam as filhas e lhes arranjavam as tranças (OTHON FILHO, 1970, p. 18).

Imperavam nos campos e serras os cáctus [sic], principalmente xique-xique, o cardeiro e o facheiro; assim como as bromeliáceas: a macambira encontrada nas pedreiras e terras áridas, o gravatá e, mais modernamente, o sisal e a agave. Também empregados nos anos escassos ou secos ((OTHON FILHO, 1970, p. 18).

Também é relevante discutir a motivação da escrita. O prefácio assinado pelo escritor Manuel Rodrigues de Melo e as primeiras páginas da obra são valiosos para tal objetivo. Essas partes indicam uma motivação memorialística, como se apresentar as memórias de Othon Filho fosse uma forma de salvar do esquecimento aquilo que o autor e seu prefaciador entendem como “tradicional” e que teria ficado no passado, uma vez que a cidade estava se modernizando. Isso é feito, inclusive, com Rodrigues de Melo reforçando, no prefácio, a ideia de que o Seridó, recorte geográfico do estado no qual está situado o município, seria uma terra de tradições. Já o autor de *Meio século da roça à cidade* assim define sua intenção:

Jamais tive pretensões a escritor.  
Entretanto, debruçando-me para a velhice, entendi deixar para os pósteros algumas recordações de minha mocidade, da meninice, inteiramente passadas na ILHOTA, propriedade dos meus pais, município de Santa Cruz, e em Currais Novos, neste Rio Grande do Norte encravado no polígono das sêcas [sic] (OTHON FILHO, 1970, p. 15).

Nota-se nessas palavras uma motivação memorialística de cunho pessoal. Embora ele não dê detalhes de quanto tempo durou o processo de escrita, indica que se tratou de um trabalho recente, já que uma das razões para escrever estaria relacionada ao avanço de sua idade. Isso permite pensar a obra como uma prática cultural de escrita de si, na qual o autor dá-se a ver ao expor suas memórias no formato de livro. Práticas como essa não devem ser vistas como algo natural, mas sim repletas de intencionalidades (GOMES, 2004). Nesse caso, o autor desenvolve o texto associando recordações de sua “mocidade” e “meninice” com as transformações as quais observava ao decorrer do tempo, como se pensasse sua própria vida junto à vida de Currais Novos, construindo uma narrativa guiada por uma percepção temporal de caráter linear e progressista. A vida mudava junto à cidade. E mudar, nesse caso, significava se modernizar.

A expressão “A Currais Novos de...” (OTHON FILHO, 1970, p. 27) é usada para indicar uma cidade que, na época de juventude de Antônio Othon Filho, caracterizava-se como espaço marcado pelo que ele considerava serem tradições. É em tom nostálgico que ele escreve sobre as antigas cantigas e festas populares daquela época, demonstrando estar descontente com o desaparecimento desses elementos quando escrevia: “Êsses [sic] juncudos tempos mudaram; e, com êles [sic], as nossas mais preciosas tradições” (OTHON FILHO, 1970, p. 30).

É com tal proposta de um relato memorialístico de caráter nostálgico que *Meio século da roça à cidade* apresenta, por exemplo, as impressões de seu autor sobre personagens populares da cidade, tanto com base nas próprias memórias, como também com base em depoimentos orais de algumas pessoas consideradas “populares” recolhidos por ele. Ou seja, pessoas não pertencentes às elites político-econômicas de Currais Novos. O espaço dado a tais “populares” ocorre abordando perfis e situações consideradas peculiares pelo autor, ou então com essas pessoas sendo consultadas para abordar temas ligados às elites locais. Por exemplo, quando se fala do Coronel José Bezerra, apresentando-o como “o homem de maior envergadura e fôrça [sic] moral do Seridó” (OTHON FILHO, 1970, p. 47) citando um homem conhecido como Galdino Periquito, apontado como aquele que se atrevia a chamar o Coronel diretamente por seu primeiro nome. Outro exemplo é o modo como o autor aborda memórias sobre características de algumas pessoas escravizadas que viveram onde criou-se, posteriormente, o município de Currais Novos, fazendo-o sem uma problematização acerca da escravidão. É o caso de um homem conhecido como Moisés Preto e de uma mulher conhecida como Maria Mouca, descrita na obra como uma pessoa fofqueira.

Ao escrever sobre essas pessoas o autor não poupa descrições e detalhes que certamente só poderiam ser apresentados por alguém detentor de autoridade para que não fosse retaliado. Não seria qualquer pessoa, em uma pequena cidade, que poderia escrever em tom de julgamento sobre, por exemplo, casos de histórias familiares marcadas pelo desvio em relação à moral conservadora na qual baseava-se a cultura cristã-católica hegemônica na cidade. A descrição desses “populares” parece ter sido feita no intuito de apresentar um padrão de comportamento dos habitantes locais e registrar alguns perfis e situações como curiosidades da vida cotidiana currais-novense, especialmente no período remoto das recordações da juventude do autor.

À medida que o texto avança, Othon Filho segue abordando suas percepções em relação às mudanças as quais vinha assistindo ao longo de sua vida. Entram aí exemplos tal qual o relato sobre como eram os jornais criados em Currais Novos no início do século XX e a agitação que promoviam na política local, os comentários sobre os primeiros carros que ali passaram, a fábrica de colchões e a primeira pensão ali instaladas, além da demolição de casas de taipa. Veja-se os exemplos a seguir:

O primeiro carro aqui passado em 1915, salvo engano, deixou a vila em polvorosa: todos queriam vê-lo. Era noite. De então até 1920 outros passaram, principalmente da Inspetoria Federal de Obras Contra as Sêcas [sic], conduzindo engenheiros e material para o trabalho de rodovias, nos anos secos de 1915 e 1919 (OTHON FILHO, 1970, p. 177).

Em 1920 vieram os primeiros automotores para Currais Novos. João Alfredo Pires Galvão (Joca Pires) comprou um Ford; Major Ladislau Galvão, também Ford; Lula Circuncisão (Luís Assunção da Circuncisão Lula) um Owerland; e Bevenuto Pereira Filho (Zuzu Pereira) ainda Ford. Foram os primeiros proprietários de carros aqui. Custava, naquele tempo, cinco contos de réis um (OTHON FILHO, 1970, p. 178).

Entre as transformações descritas tem-se de modo destacado o progresso econômico proporcionado pela Mineração Tomás Salustino. Como foi comentado inicialmente, a publicação foi patrocinada pela empresa da qual Antônio Othon Filho era diretor. Isso permite inferir que, para a publicação ter se dado nessas condições, era necessário que o autor fosse alguém autorizado a escrever sobre a cidade a partir de uma perspectiva positiva em relação a sua condição naquele momento, elaborando-se um discurso favorável ao processo de modernização local, especialmente do ponto de vista econômico. Sendo Antônio Othon Filho parte de um grupo social privilegiado no município, é compreensível que o prestígio e a experiência com as letras devido às carreiras exercidas tenham contribuído para que ele lançasse *Meio século da roça à cidade* com esse financiamento. E assim a cidade tornava-se objeto de uma elaboração discursiva autorizada, de acordo com a finalidade do momento simbólico de seu cinquentenário.

Isso explica o motivo pelo qual as memórias de Othon Filho são narradas em tom nostálgico, com o luto já feito em relação a esse passado ao qual se refere. Mesmo que ele demonstre sentir saudade desse passado, suas palavras são conformadas com a transformação. Dado o lugar de produção da obra, ocorre em paralelo a essa nostalgia uma valorização de Currais Novos como uma cidade progressista. Pode-se observar isso na longa descrição dedicada a apresentar os elementos conquistados a partir do progresso econômico:

A vilazinha pacata do início do século é hoje uma bela cidade com seus 12.000 habitantes, arborizada, bem calçada, a ponto de Assis Chateaubrinand [sic] escrever que foi a pequena cidade em que já viu a maior quantidade de paralelepípedos sentados, eletrificada, telefones automáticos, avenidas e ruas largas, bem cuidadas, fábricas de óleo, sabão, macarrão, usina, agência do Banco do Brasil (a melhor do interior do Estado), cinema, igrejas com clubes de mães, congregações várias, com serviços assistenciais promocionais, o Centro Paroquial, hotéis (o Tungstênio o mais suntuoso do interior, com elevador), Rádio Brejuí, pioneira do interior, cooperativas, bons estúdios fotográficos, grande e ativo comércio, sede de Comarca, cartório, agência de automóveis, farmácias, panificadoras, médicos, laboratórios, dentistas, movelarias, sapatarias, INPS, Ancar, hospital, maternidade, abrigo para velhos, batalhão de engenharia do exército, saneamento, conjuntos residenciais, estádio municipal (também o melhor do interior), correios e telégrafos, telern, escoteiros e bandeirantes, colégios e ginásios, biblioteca municipal, centro estudantil, grupos

escolares e escolas municipais, aéro-club [sic] (ainda o melhor do Estado), AA-BB, praças de carro e uma grande feira semanal regional das maiores do Estado, para a qual convergem comerciantes e atacadistas e outros Estados e municípios limítrofes que aqui se abastecem e vendem suas mercadorias (OTHON FILHO, 1970, p. 30-31).

E olhem que não falei na loja maçônica, Lions-club, matadouro municipal e comércio local, grossista e retalhista, clubes de futebol, etc., etc... O município é o maior produtor de XELITA no Brasil, minério estratégico de grande exportação, pela Mineração Tomás Salustino S/A., o que lhe dá o lugar ímpar de 1.<sup>a</sup> sociedade produtora de divisas, no Norte e Nordeste do país (OTHON FILHO, 1970, p. 31).

Percebe-se em tais trechos um enaltecimento da condição currais-novense no presente, à época da publicação. Todas essas transformações que as citações acima indicam no que concerne à materialidade de Currais Novos em 1970 faziam a cidade ser considerada moderna naquele momento. E estavam relacionadas ao ciclo da mineração. Por isso, citar a atividade mineradora ao final, como o fator que destacaria a cidade, é atribuir uma relevância no sentido de que tal progresso estaria sendo diretamente conduzido pelas elites que promoviam tal atividade econômica. A parte dedicada exclusivamente a tratar da Mineração Tomás Salustino também revela essa intencionalidade. O autor a inicia indicando uma pausa na escrita de suas memórias para tratar desse tema, o que sinaliza a realização de um corte proposital no tom nostálgico que até então conduzia o texto. Esse corte é feito a fim de mostrar como o processo modernizador, apesar de ter influenciado para que as antigas tradições presentes em sua memória acabassem, era positivo para Currais Novos. Assim, o discurso a respeito da Mineração Tomás Salustino começa enaltecendo o fundador da empresa:

Falando na Currais Novos do século XX, não é possível esquecer um varão ilustre sob todos os títulos, cujas insignificantes qualidades negativas diante do gigante que foi destas plagas, sua influência, sua moderação de sertanejo 100% amante de sua terra e de sua gente, que foi o Des. Tomás Salustino Gomes de Melo (OTHON FILHO, 1970, p. 184).

Segue-se ao trecho citado os dados biográficos do Desembargador Tomás Salustino e o enaltecimento de seus feitos em prol de Currais Novos, esses últimos justificados pelo amor que tal figura teria pelo município. Amor esse materializado em investimentos para a modernização da cidade: investimentos que “imortalizam seu edificador e o recomendam ao culto dos pósteros” (OTHON FILHO, 1970, p. 199). Tem-se aí um discurso voltado para promover o enraizamento do fundador da Mineração Tomás Salustino na memória local, associando o processo modernizador a um nome específico. Vale ainda ressaltar o parentesco entre autor e biografado – sobrinho e tio, respectivamente – sinalizado pelo próprio Antônio Othon Filho na obra, o que revela a tendência para que se elabore um discurso positivo como esse.

A comparação entre passado e presente é um recurso que confere à obra uma característica de observação histórica, de que o autor está contando a história currais-novense a partir de suas

memórias. Em alguns trechos, há, inclusive, reclamações referentes ao que ele considera injustiças históricas quanto a determinadas personagens locais, como ao reivindicar a gratidão que mereceria receber Francisco Ivo Cavalcanti, por ter apresentado a lei que proporcionou a elevação de Currais Novos à categoria de cidade. Além disso, como visto, pode-se citar como outro exemplo a intenção de immortalizar o nome do Desembargador Tomás Salustino como sujeito histórico de maior destaque na Currais Novos do século XX.

Vê-se a partir do exposto que *Meio século da roça à cidade* mobiliza a noção de progresso, construindo uma narrativa linear, na qual predomina a percepção de que, à medida que os anos foram passando, Currais Novos foi se modernizando, especialmente a partir do ciclo da mineração, cuja personificação seria o Desembargador Tomás Salustino. Traços de uma cultura histórica e de uma cultura política personalistas. A memória local deveria, nessa concepção, fazer recordar o nome de quem conduziu o município ao progresso. Essa compreensão faz ainda mais sentido quando se leva em conta a afirmação de Astor Antônio Diehl sobre a cultura ocidental ser assentada na memória, de modo que ela é vista como algo que precisa ser constantemente refrescado para que não enfraqueça e perca seu poder de evocação (DIEHL, 2008).

A memória local é, então, elaborada a partir da noção de que uma história linear e progressista estaria se desenvolvendo, levando Currais Novos a tornar-se portadora das características de uma cidade moderna. Essa noção de linearidade do tempo histórico foi uma marca na cultura histórica brasileira até a década de 1970:

Observa-se a predominância das formas lineares, e evolucionistas no entendimento do processo de desenvolvimento do tempo histórico. Nessas perspectivas são facilmente integrados os elementos da historiografia dualista, constituída de constelações opostas (antigo-moderno; arcaico-moderno; atrasado-adiantado; agrário-industrial; subdesenvolvido-desenvolvido; capitalismo-socialismo, entre outros), que preenchem os princípios do historicismo vulgar (DIEHL, 1993, p. 23).

No entanto, essa compreensão apresenta-se sem o abandono da noção de “tradição” que, como se viu, está presente nos relatos memorialísticos carregados de nostalgia de Antônio Othon Filho. Vê-se que, nesse caso, a “tradição” é um elemento das origens que explicariam o presente, algo também característico à cultura histórica brasileira (DIEHL, 1993). Vale ressaltar, quanto a esses pontos, a proximidade que essa visão tem com o contexto mais amplo do momento da publicação de *Meio século da roça à cidade*, nesse caso, o regime militar que então vigorava no Brasil. O discurso que busca conciliar tradição e modernização colocando a primeira como as origens de um passado nostálgico e a última como uma marca positiva do presente é coerente com a linha de pensamento na qual segurança e desenvolvimento eram consideradas as bases para uma modernização conduzida por um regime conservador de direita combinado com a tradição republicana brasileira de reformismo

autoritário, ou seja, carregando a intenção de modernizar economicamente o Brasil sem mudar a estrutura social (NAPOLITANO, 2014).

Pode-se compreender a busca por uma origem tradicional como algo relacionado à necessidade de encontrar uma identidade perante o processo de modernização local. O historiador Astor Antônio Diehl descreve as “ambiguidades e angústias” de ser moderno, associando-as à busca pela explicação em relação ao processo que conduziu até ali: “É uma experiência histórica contraditória, onde o Homem se encontra sozinho (...) ele tem que perguntar quais foram as forças, que o trouxeram, onde se encontra hoje” (DIEHL, 1993, p. 153). Percebe-se nisso traços de cultura histórica ocidental que conta com o elemento de uma consciência histórica coletiva marcada pela crença no progresso que, em contrapartida, leva à uma valorização da memória, associando-a com a identidade (DIEHL, 2002).

Dado o lugar de produção da obra, associado às elites econômica e política local, pode-se compreender essa valorização de uma memória das origens tradicionais como parte do processo de produção da identidade cultural orquestrado por esse grupo. Entre a modernização e a produção da identidade cultural as elites atuam com cautela, como lembra Andrius Estevam Noronha (2008), que também comenta como elas agem a partir de “uma coordenada capacidade de interação social, através do engajamento das instituições sociais, *nos meios culturais, empresariais e jornalísticos*” (NORONHA, 2008, p. 42, grifo meu). O autor ainda acrescenta que isso ocorre promovendo-se a vinculação de traços culturais com o processo modernizador, criando-se um discurso que

Passa a ser o elemento central de identidade local ou a própria bandeira da comunidade. Os elementos tradicionais, que antes eram impróprios para o processo modernizador, agora se interiorizam para os centros culturais, as associações empresariais, o jornal local e, conseqüentemente, estabelecem uma nova estratégia de reprodução social de sua elite, com seu respectivo discurso político (NORONHA, 2008, p. 42).

Isso pode explicar o patrocínio de uma empresa de mineração à publicação da obra de seu próprio diretor a respeito do município no qual ela se situa. As letras têm força no processo de modernização (RAMA, 2015). Com isso, o que foi escolhido para fazer parte da memória local foi a agência das elites locais em prol de uma modernização do ponto de vista material, a qual é enaltecida na obra. E se memória implica também esquecimento, a parte apagada no discurso de *Meio século da roça à cidade* são as contribuições dos “populares” para a história local, pois, quando citados, o autor os trata como figuras peculiares dignas de atenção apenas no que concerne a algumas curiosidades, como se tais “populares” apenas assistissem a história sendo feita por outros, ou seja, as elites político-econômicas. Escreve-se assim uma história das elites bem feitoras que estariam conduzindo o progresso, apagando-se a manutenção de seus privilégios sociais, econômicos e políticos.

## CONCLUSÃO

Para concluir, a pesquisa conduz a algumas ponderações referentes à relevância dos intelectuais como produtores de memória no âmbito das cidades e a importância de problematizar seus escritos.

Como visto, a obra aqui discutida reflete uma cultura histórica e uma cultura política personalistas, ancoradas em uma noção de tempo linear e progressista, além da valorização da memória como elemento de identificação de origens tradicionais. A memória local, então, foi elaborada com fins de enaltecimento de uma elite que comandava economicamente e politicamente o município. Entende-se que a referida obra faz parte de um processo mais amplo, visto que existem outras iniciativas associadas a esse enaltecimento, a exemplo do Memorial Tomaz Salustino e de monumentos que fazem referência à época do auge da atividade mineradora, esses últimos espalhados pela cidade (ALVES, 2020). Mais de cinquenta anos após a publicação de *Meio século da roça à cidade*, mesmo com o declínio da mineração no município a partir da década de 1980 devido à concorrência externa chinesa (ALVES, 2020), permanece sendo parte importante da memória local o discurso que enaltece Currais Novos como uma cidade moderna graças a esse ciclo. Isso tem sido possível devido a iniciativas como a produção escrita aqui discutida. A memória foi construída e segue sendo constantemente “refrescada”, para usar o termo citado por Astor Antônio Diehl (1993).

O que esse exemplo mostra é que, para cada cidade, constrói-se um discurso que lhe atribui um sentido, caracterizando-a de determinado modo. Intelectuais como Antônio Othon Filho exercem um papel relevante nesse processo, usando as palavras a fim de eternizar personagens e características específicas na memória compartilhada pelos cidadãos, produzindo o senso de pertencimento a uma mesma história. Esse processo faz parte da produção da própria cidade.

Por fim, ressalta-se que a análise dos discursos que produzem cidades tornando-as conhecidas por determinada(s) característica(s) é um campo promissor de pesquisa para a História, pois revela intencionalidades e estratégias utilizadas pelos agentes sociais interessados nessa produção.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. De Amadores a Desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajeto**: Revista de História da UFC, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 1-27, 2005. Disponível em: <http://www.revistatrajetos.ufc.br/index.php/Trajetos/article/view/96>. Acesso em: 16 out. 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Cleia Maria. Mina Brejuí: memória e trabalho em Currais Novos-RN. **Revista Labor**, Fortaleza, v. 1, n. 24, p. 356-368, jul./dez. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/60183>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CÂMARA, Eliel Bezerra da. Currais Novos, cidade que foi cinquentenária. **Diário de Natal**. Natal, p. 1-8. 7 abr. 1971.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.

CERTEAU, Michel de. A Operação Histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). **História: Novos Problemas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 17-48.

CERTEAU, Michel de. Relatos de Espaço. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 199-217.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. História local e seu devir historiográfico. **Métis: História & Cultura**, Caxias do Sul, v. 2, n. 2, p. 11-32, jul./dez. 2002.

DIEHL, Astor Antônio. **A matriz da cultura histórica brasileira: Do crescente progresso otimista à crise da razão histórica**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: EDUSC, 2002.

DIEHL, Astor Antônio. Idéias de futuro no passado e cultura historiográfica da mudança. **História da Historiografia**, Mariana, v. 1, n. 1, p. 45-70, ago. 2008. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/25/22>. Acesso em: 12 jan. 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro. **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

HALBWACHS, Maurice. **La Mémoire Collective**. Paris: PUF, 1968.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Currais Novos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/currais-novos/historico>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MARIA, Jota. **Dr. Antônio Othon Filho - patrono**. 2015. Disponível em: <http://jotamaria-bpmdecurreisnovos.blogspot.com/2015/09/dr-antonio-othon-filho-patrono.html>. Acesso em: 20 jun. 2023.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, Margarida de Souza. Nos compassos do tempo: A história e a cultura da memória. *In: SOIHET, Rachel et al (Org.). Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 21-33

NORONHA, Andrius Estevam. Análise teórica sobre a categoria “elite política” e seu engajamento nas instituições da comunidade regional. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 29, p. 24-45, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/463/617>. Acesso em: 16 out. 2019.

OTHON FILHO, Antônio. **Meio século da roça à cidade: Cinquentenário de Currais Novos.** Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1970.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, jan./jun. 1989. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf). Acesso em: 14 out. 2019.

RAMA, Ángel. **A cidade das letras.** São Paulo: Boitempo, 2015.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. *In: RÉMOND, René (Org.). Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-269.

SOIHET, Rachel *et al.* Apresentação. *In: SOIHET, Rachel et al. Mitos, projetos e práticas políticas: memória e historiografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 11-17.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. A cidade e as memórias revisitadas: ou de como as memórias (re)inventam cidades. *In: ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega et al. (Org.). Historiografia e(m) diversidade: artes e artimanhas do fazer histórico.* João Pessoa: Editora da UFCG/ANPUH-PB, 2010. p. 110-121.

VIANA, Helder. A problemática da “Memória Local”: Reflexões sobre o caso Norte-rio-grandense. *In: ALVEAL, Carmen Margarida Oliveira; FAGUNDES, José Evangelista; ROCHA, Raimundo Nonato Araújo da. (Org.). Reflexões Sobre História Local e Produção de Material Didático.* Natal: EDUFRN, 2017. p. 107-135. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/23433>. Acesso em: 18 mar. 2019.